



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA: COMO INSERIR HISTÓRIA DA ÁFRICA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS CURRÍCULOS ESCOLARES DIANTE DA CONSOLIDADA CULTURA EUROPEIA DOMINANTE?

Silvanir Rocha dos Santos*
(UESB)

Karina Pereira Pinto**
(UESB)

RESUMO

A partir de uma perspectiva de análise crítica do currículo escolar, este é entendido como veículo de saberes legitimados, atuando na produção de subjetividades. O livro didático, pouco problematizado em virtude de sua tradição escolar, age como dispositivo material do currículo, organizando práticas e orientando condutas. Em análise dos discursos imagéticos e textuais sobre História da África e Cultura afro-brasileira nos livros didáticos de História do Ensino Fundamental II, antes e depois da Lei 10.639/03, observou-se que a representação do negro é feita de maneira estereotipada e preconceituosa. A análise incidiu sobre a forma como o livro didático aborda e representa a História da África, a cultura afro-brasileira e o negro na divisão temática dos capítulos, nos textos e imagens.

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático. Currículo. Representação do negro.

INTRODUÇÃO

* Graduanda em História pela Universidade Estadual de Santa Cruz, bolsista de Iniciação Científica FAPESB, integrante do Grupo de Pesquisa "Cultura escolar e saberes psicológicos: dispositivos de produção de subjetividades" com o plano de trabalho "Livro didático como dispositivo de discriminação racial: um olhar além das fronteiras", sob orientação de Karina Pereira Pinto. E-mail: silvia-ss1@hotmail.com.

**Doutora em Educação (PUC/SP), Professora da Área de Psicologia do DFCH/UESC, coordenadora do Grupo de Pesquisa "Cultura escolar e saberes psicológicos: dispositivos de produção de subjetividades". Agências financiadoras: CNPq e FAPESB. E-mail: karinappinto@bol.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O conhecimento escolar há algum tempo é tema central das discussões sobre educação. Na história da educação há um período determinante para esse modelo atual de escola – a Revolução Industrial – com a necessidade dos burgueses em qualificar sua mão-de-obra. O currículo nasce, então, da necessidade de um grupo organizar o que é importante ensinar, quais os temas relevantes, quais os saberes que realmente são dignos de serem apreendidos e reproduzidos.

A teoria crítica do currículo vai apontar a relação entre a cultura, o conhecimento e o poder, destacando o currículo como reprodutor da ideologia existente na sociedade e, conseqüentemente, no ambiente escolar. Sendo assim, trata-se de um mecanismo importante das práticas de significação. De acordo com Silva (1999), “Mesmo que não tivessem nenhum outro efeito, nenhum efeito no nível da escola e da sala de aula, as políticas curriculares, como texto, como discurso são, no mínimo um importante elemento simbólico do projeto social dos grupos no poder” (p. 10-11).

Os currículos, por fazerem parte do mecanismo dos grupos que dominam os discursos na sociedade, e por serem importantes meios de significação “fabricam objetos epistemológicos de que falam por meio de um texto próprio” (SILVA, 1999, p. 11), considerando certos saberes indispensáveis, em detrimento de outros tidos como irrelevantes.

Já há algum tempo, no Brasil, vem-se discutindo os modelos de escola e de currículo vigentes, e qual a possibilidade de realizar uma mudança significativa em favor de uma educação intercultural. Os movimentos sociais têm contribuído para que mudanças na escola brasileira sejam realizadas, e o movimento negro é um exemplo que merece destaque. Apesar de observarmos, no Brasil, um discurso de “país construído por três raças”, na educação, índios e negros são tratados como a parte subalterna da população, sendo representados de forma estereotipada nos currículos escolares. Tais representações são especialmente observadas nos livros didáticos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Os livros-texto nascem da necessidade de obtenção de materiais didáticos para auxiliar o trabalho de professores e passam a ser um importante suporte no processo de aprendizagem. Segundo Sposito (2006),

na maior parte das salas de aula brasileiras, o livro didático converte-se no único recurso teórico-metodológico e de conteúdo empregado pelos profissionais do saber. Os alunos cobram a existência de um manual, os pais dos alunos demandam um roteiro de estudo para os filhos, e os professores com baixos salários, e com muitos alunos e aulas a ser ministradas, submetem-se, muitas vezes acriticamente, ao conteúdo que está condensado nos livros didáticos (p. 142).

Devido à importância do livro didático na cultura escolar, se fazem pertinentes as pesquisas e indagações sobre os motivos pelos quais ainda são veiculadas ideologias e representações desfavoráveis em relação a diversos grupos que compõe a sociedade brasileira. Bittencourt (2011) afirma que estes são “os mais usados instrumentos de trabalho integrantes da ‘tradição escolar’ de professores e alunos, e fazem parte do cotidiano escolar há pelo menos dois séculos” (p. 299). Assim, o livro didático e a educação escolar não estão desarticulados do contexto político e cultural das relações de poder, sendo dispositivos que evidenciam interesses particulares e culturas específicas em detrimento da diversidade cultural.

Nesse sentido, a proposta deste trabalho é apresentar os resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica “Livro didático como dispositivo de discriminação racial: um olhar além das fronteiras”, em desenvolvimento com bolsa IC/FAPESB (08/2012-07/2013). O objetivo desta pesquisa é analisar a representação do negro brasileiro nos discursos imagéticos e textuais dos livros didáticos de História do Ensino Fundamental II, antes e depois da Lei 10.639/2003. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo que busca apontar as mudanças e permanências dos discursos sobre o negro nos livros publicados pelos “irmãos Piletti”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Com a finalidade de realizar essa análise, foram coletados dados de doze livros didáticos dos autores Nelson Piletti e Claudino Piletti. Os livros da coleção “História e Vida Integrada”, publicados pela editora Ática foram escolhidos por apresentar uma linha contínua de publicações antes e depois da Lei 10.639/2003. O período de publicações escolhido foi de 2001 a 2009. Abaixo pode-se observar o quadro dos livros analisados:

Ano	Série escolar	Autores	Edição/Impressão	Título	Cidade/Editora
2001	5ª série (6º ano)	Nelson Piletti e Claudino Piletti	15ª ed. 2ª imp.	História e Vida vol. 1	São Paulo/Ática
2001	6ª série (7º ano)	Nelson Piletti e Claudino Piletti	16ª ed. 2ª imp.	História e Vida vol. 2	São Paulo/Ática
2001	7ª série (8º ano)	Nelson Piletti e Claudino Piletti	1ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2002	7ª série (8º ano)	Os irmãos Piletti	2ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2002	8ª série (9º ano)	Os irmãos Piletti	2ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2003	8ª série (9º ano)	Os irmãos Piletti	1ª ed. 4ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2005	8ª série (9º ano)	Os irmãos Piletti	2ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2007	7ª série (8º ano)	Os irmãos Piletti	3ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2008	8º ano	Os irmãos Piletti, Thiago Tremonte	2ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2009	6º ano	Os irmãos Piletti, Thiago Tremonte	3ª ed. 2ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2009	7º ano	Os irmãos Piletti, Thiago Tremonte	3ª ed. 2ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática
2009	9º ano	Os irmãos Piletti, Thiago Tremonte	3ª ed. 1ª imp.	História e Vida Integrada	São Paulo/Ática

Quadro 1. Relação de livros analisados.

Para análise dos dados foram utilizados os pressupostos teóricos desenvolvidos por Michael Foucault, que discute sobre os discursos de verdade, seus dispositivos, e como produzem subjetividades. Para Foucault (2007) não há um sujeito constituinte, assim, propõe que através da genealogia se faça um estudo sócio-histórico minucioso para que seja descortinado como os sujeitos são construídos.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

As pesquisas em livros didáticos de história demonstram que são maioria os discursos que representam o negro como um ser inferior (SILVA, 2008). Thompson (1995) distingue cinco modos gerais através da qual a ideologia opera: a legitimação, dissimulação, unificação, fragmentação e reificação. Para esse estudo poderíamos considerar a reificação, pois

a ideologia como reificação pode também ser expressa através de vários recursos gramaticais e sintáticos, tais como a nominalização e a passivização. A nominalização acontece quando sentenças, ou parte delas, descrições da ação e dos participantes nelas envolvidos, são transformados em nomes, como quando nós falamos em “o banimento das importações”, ao invés de “o Primeiro-Ministro decidiu banir as exportações”. A passivização se dá quando verbos são colocados na voz passiva, como quando dizemos que “os policiais estão investigando o suspeito”. A nominalização e a passivação concentram a atenção do ouvinte ou leitor em certos temas em prejuízo de outros (p. 88).

Esses recursos gramaticais, de acordo com Thompson (1995), acabam por apagar os autores e suas ações, e tendem a representar os processos históricos. Assim, concebemos que a linguagem transmitida através dos livros didáticos, compartilhada por milhares de estudantes, “fixam, logo de entrada para cada homem, as ordens empíricas com as quais terá de lidar e nas quais se há de encontrar” (FOUCAULT, 1999, p. XVI)

Outras discussões que levamos em consideração para análise dos dados são as teorias crítica e pós-crítica do currículo. Adotamos a perspectiva da teoria pós-crítica de análise de documentos, pois consideramos que “a teorização pós-crítica tornou problemáticas certas premissas e análises da teoria crítica que a precederam” (SILVA, 2007, p. 145). A teoria pós-crítica propõe refletir sobre a produção e reprodução dos discursos de verdade e os processos de significação advindos desses discursos.

Pensando as relações de poder que permeiam o corpo social, a escola surge como um espaço que não está isolado desse processo. Nesse contexto o currículo escolar se estrutura a partir da reunião de textos onde os discursos homogeneizadores e monoculturais acabam negando que outras culturas existam. Quando não as tornam invisíveis, são apresentadas ainda em um sistema hierárquico, numa espécie de escala evolucionária. Mesmo que não se apresentem de forma explícita, é possível perceber a presença desses discursos em seus textos.

A pesquisa documental nos livros didáticos de História dos “irmãos Piletti” apontou a dificuldade dos autores em realizar as recomendações tanto do Movimento Negro como da Lei 10.639/2003, como podemos observar através da imagem e no texto que a acompanha:



A vinda da família real portuguesa para o Brasil trouxe novos hábitos sociais e culturais. Esses novos hábitos, no entanto, não se estenderam às camadas mais pobres da sociedade, que continuaram a se divertir com suas festas e folguedos tradicionais, como você pode observar nesta pintura de Jean-Baptista Debret, de 1826, intitulada Marimba – O passeio de domingo à tarde (PILETTI; PILETTI; TREMONTE, 2009, 8º ano, p. 183).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Ao discutir sobre os principais aspectos da cultura produzida no Brasil Império, os autores destacam que a “cultura brasileira é formada pela diversidade”; foi “herdada de diferentes grupos sociais e étnicos” (p. 183). Já demarcando o lugar de cada um na hierarquia social, a “cultura étnica” estava em desvantagem em relação à cultura do “grupo social” dominante, uma vez que os detentores da cultura europeia se divertiam da melhor forma, enquanto a população pobre e escrava era obrigada a se contentar com suas festas tradicionais.

Os africanos assim como os afrodescendentes, também promoviam saraus, faziam representações teatrais, entre outras formas de diversões. Os autores, além caracterizarem a população brasileira formada por “grupos sociais” e “étnicos”, desconsideraram a cultura africana. É inegável o aumento de temas e imagens relacionados à África e à população negra brasileira, mas ainda fazem parte de uma representação estereotipada sobre essa população.

A análise da representação do negro no livro didático, apesar de não ser um tema novo, é uma discussão que ainda não se esgotou por causa da dificuldade que os autores de livros didáticos têm em abordar a população negra brasileira assim como a História da África. De acordo com Paulo Vinícius da Silva (2008), as melhorias são pontuais, pois “o livro didático continua produzindo e veiculando um discurso racista, ajustado à época atual”. O autor assim explica o “novo racismo”:

A expressão “novo racismo” foi utilizada, na Europa, [...] para caracterizar a passagem de um racismo universalista, da inferiorização biológica, a um racismo diferencialista, focado na cultura. [...]. O “novo racismo” em geral, nega, em primeiro plano, que seja racismo [...] e tende a usar estratégias diversas para criar uma aparência de respeitabilidade e de aceitação (p. 15-16).

A experiência dos países que foram colônia e tiveram os negros como mão-de-obra escrava convivem com uma grande dificuldade em reconhecer essa



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

população que por muito tempo foi vista como “sinônimo de ser primitivo, inferior, dotado de uma mentalidade pré-lógica” (MUNANGA, 1988, p. 9). Isto pode ser visto nos livros didáticos analisados do 6º ao 9º anos, de 2008 e 2009, quando observamos a forma como os conteúdos são organizados após a promulgação da Lei 10.639/2003. Mesmo com as contribuições de um novo autor⁶¹⁸, não se observam mudanças significativas.

Verificamos nos quatro livros mencionados acima que a sequência de conteúdos do 6º ao 9º ano descreve tanto a população negra brasileira como o continente africano como estagnados no tempo. A África, continente das primeiras civilizações, chega ao século XXI silenciosa, pobre e doente. Na Europa, os africanos são destacados como os principais imigrantes ilegais. A população negra brasileira, de escrava passa a ser quilombola ou a população pobre do mundo atual. Essa constatação não está só nos textos, mas principalmente nas imagens.

Analisando o sumário do livro do 6º ano, o Egito é deslocado da África. Na terceira unidade, que trata dos *Povos Antigos*, o Egito é discutido nos capítulos sete e oito, enquanto todo o continente africano é discutido no capítulo 11. Com o título *A África Antiga*, traz alguns aspectos físicos e geográficos do continente e alguns reinos. No final do capítulo há um quadro dedicado à religião, com insuficiente conteúdo, principalmente se compararmos com o capítulo o capítulo 16 *A formação do cristianismo*, inteiramente dedicado ao cristianismo.

Nas séries seguintes, do silêncio aos estereótipos, a população negra segue sendo representada. Personagens como Obama, Martin Luter King aparecem como seres excepcionais nos textos que são dedicados a cultura europeia. A

⁶¹⁸ No período de 2001 a 2007 a autoria dos livros é dos “irmãos Piletti”: Nelson Piletti, graduando em filosofia, pedagogia e jornalismo, mestre e doutor em História da Educação pela USP; e Claudino Piletti, graduado em filosofia e pedagogia, doutor em Educação pela USP. A partir de 2008 passa a fazer parte da edição Thiago Tremonte, graduado em História e Filosofia e doutor em Educação pela USP.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

apresentação do tema “As eleições dos EUA de 2008”, traz como subtítulo *Um presidente negro?*⁶¹⁹.

As produções sobre a população brasileira desde a colonização até o século XX foram marcadas por tentativas de demonstrar para a Europa que, apesar de ser um país formado pela mistura de três “raças”, estava em vias de embranquecimento, em um processo de evolução para uma nação civilizada aos moldes dos países europeus (SCHWARCZ, 2007). Com uma suposta democracia racial, cada uma dessas culturas passa a ser representada de acordo com as suas contribuições para a formação do Brasil. Na educação e produções didáticas, para cada “raça” foi estabelecido um papel durante o longo percurso da história da população brasileira. De acordo com Kabengele Munanga (1988):

Em cima dessa imagem, tenta-se mostrar todos os males do negro por um caminho: A ciência. O fato de ser branco foi assumido como condição humana normativa e o de ser negro necessitava de uma explicação científica. Uma primeira tentativa foi a de pensar o negro como um branco degenerado, caso de doença ou de desvio à norma (p. 14-15).

A tendência em permanecer com essa representação do negro nos livros didáticos, com abordagens hegemônicas na história colonial, escravo, e África “pobre”, fica evidente na pesquisa realizada. Apesar do aumento de informações sobre os negros e a África, não diminuíram os estereótipos e continua a perpetuar uma imagem que os desfavorece, incutindo uma imagem de inferioridade.

Em algumas situações, observam-se mudanças significativas na quantidade de informações sobre o negro, mas tais mudanças não significam uma real transformação na representação negativa. É o que podemos observar com as imagens e textos a seguir:

⁶¹⁹ Os temas citados nesse parágrafo são correspondentes aos quatros últimos livros mencionados no quadro 1.



O texto do quadro *Janela da História* pede que o aluno compare a condição que os negros estavam expostos nos EUA, e o discurso de país que faz a guerra fora do seu território para levar a paz aos países oprimidos. O aluno, refletindo sobre essas imagens, deverá responder sobre a real possibilidade dos EUA realizar tal tarefa (PILETTI; PILETTI; TREMONTE, 2009, 9º ano, p. 207). Na América inglesa, espanhola ou portuguesa, o negro é representado como uma eterna vítima, sem uma perspectiva de um futuro. Na maior parte há um silêncio sobre sua presença, em outras não reage a essa condição, salvo raros momentos.

O livro didático tem um papel fundamental na formação da memória, seja através de silenciamento ou de representações estereotipadas, constituindo-se como um dos principais suportes pedagógicos para sala de aula e único meio de leitura que muitas escolas dispõem. Por isso, Bittencourt (2008) propõe que o livro didático de história deve ser pensado como um documento histórico, ou seja, ao trabalhar com esse material em sala de aula deve ser visto como qualquer fonte histórica de pesquisa. A existência dessa possibilidade muitas vezes vai de encontro com a formação de professores de História. Se não houver professor



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

capaz de efetivar tal prática no seu trabalho diário em sala de aula, o uso do livro didático se torna tarefa mecânica de leitura e execução das atividades propostas no próprio livro. Trata-se de um produto voltado para a formação humana, mas que muitas vezes não favorece o aluno e sim o mercado do livro didático e, por isso, sua produção precisa ser repensada, assim como sua utilidade e eficácia para uma educação intercultural.

As Histórias da América, do Brasil e da África também são vistas pelo currículo homogeneizador, de cultura eurocêntrica, como histórias e culturas que devem ter um lugar apenas de inserção na cultura maior, a europeia. Segundo Marc Ferro (1983), os países que foram colônia continuam com uma postura eurocêntrica, desconsiderando a própria cultura. Milhares de pessoas dos continentes americano e africano têm suas memórias negadas, pois não estão representadas nos meios de comunicação, tampouco nos espaços escolares.

Referindo-se à formação da população brasileira, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de História do Ensino Fundamental II, dizem que antes o currículo seguia uma postura do

discurso da “democracia racial”, o ensino de História representava o africano como pacífico diante do trabalho escravo e como elemento peculiar para a formação de uma cultura brasileira; estudava os povos indígenas de modo simplificado, na visão romântica do “bom selvagem”, sem diferenças entre as culturas desses povos, mencionando a escravização apenas antes da chegada dos africanos e não informando acerca de suas resistências à dominação europeia. E projetava os portugueses como aqueles que descobriram e ocuparam um território vazio, silenciando sobre as ações de extermínio dos povos que aqui viviam (BRASIL, 1998).

Pela análise dos livros didáticos dos “irmãos Piletti”, pouca coisa mudou, mesmo que o ensino de História hoje contemple a inserção da História da África e cultura afro-brasileira. Nos próprios PCNs, nas orientações do tópico “Conteúdos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de história: critérios de seleção e organização”, menciona-se como devem ser trabalhados os assuntos sobre o continente Africano, mas a maioria dos temas é acompanhado das palavras que se referem à escravidão, imperialismo, exploração e colônia, *apartheid* ou comunidades tradicionais. Há uma incidência de temas que favorecem a vitimização dos negros africanos, assim como a aparência de uma cultura inferior.

O eurocentrismo presente nos nossos currículos e na elaboração dos livros didáticos é um empecilho que precisa ser revisto. Tanto a formação de professores, quanto os discursos sobre os currículos precisam superar a determinação de uma cultura superior. Essa cultura ainda é vista como aquela apta e detentora da missão de civilizar aquelas que descendem de uma cultura que, “acredita-se”, não tiveram uma completa evolução, e por isso são inferiores. Se existe realmente a intenção de pensar uma educação intercultural, a elaboração dos currículos deve ser construída visando esse fim, pois o currículo é um dispositivo importante para realizar esse objetivo, assim como o livro didático que efetiva a prática dos discursos. Mudanças curriculares, produção de livros didáticos e formação de professores são o trio indispensável para que uma educação intercultural aconteça. É preciso conectar a cultura escolar à cultura social da qual fazem parte os alunos.

REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar 1810-1910**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: História**. Brasília: MEC /SEF, 1998.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

- CHOPPIN, Alain. História dos Livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação & Pesquisa**, v.30, n.3, p. 549-566, set/dez 2004.
- FERRO, Marc. **A Manipulação da História no Ensino e nos Meios de Comunicação**. São Paulo: IBRASA. 1983.
- FOUCAULT, Michael. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **A ordem do discurso**. 20ª ed. São Paulo: Loyola, 2010.
- _____. Michel. **Microfísica do poder**. 24ª edição. São Paulo: Graal, 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo. Editora Global, 2006.
- PILETTI, Nelson; PILETTI, Claudino; TREMONTE, Thiago. **Historia & Vida Integrada**. 9º ano. São Paulo: Ática, 2009.
- _____. **História & vida integrada**. 8º ano. São Paulo: Ática, 2009.
- SACRISTÁN, Gimeno. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática? In: SACRISTÁN, G.; PÉREZ GOMEZ, A.I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: ArtMed, 2000. p.119-148.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SILVA, Ana Célia da. **As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal da Bahia, 2001.
- SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. **Racismo em livros didáticos**: estudo sobre negros e brancos em livros de Língua Portuguesa. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte. Autêntica, 2007.
- _____. **O currículo como fetiche**: e a poética do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Livros didáticos de história e geografia**: avaliação e pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.